

# SER NEGRO NO BRASIL: POSSÍVEIS SENTIDOS DE LEITURA NO POEMA “VOCÊ NUNCA ESTEVE DIANTE DO HORROR”, DE LUBI PRATES

*Leomar Alves de Sousa (SEDUC-TO)*

[ramoel05@gmail.com](mailto:ramoel05@gmail.com)

*Eliene Cristina Testa (UFT)*

[poetisalia@gmail.com](mailto:poetisalia@gmail.com)

## RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre os possíveis sentidos de ser negro no Brasil, pela leitura interpretativa do poema “você nunca esteve diante do horror”, de Lubi Prates (2019). Neste poema a voz poética apresenta algumas implicações que remetem às situações de ser negro na sociedade brasileira. Desse modo, o objetivo deste trabalho é discutir estas situações a partir dos sentidos apreendidos pela leitura do poema, e sob o viés de uma perspectiva sociocrítica. Metodologicamente, é um trabalho qualitativo e de análise interpretativista. Como fundamentação teórica utilizamos Almeida (2020), Ribeiro (2017; 2019), Goldstein (1988), Domingues (2018). Apontamos que as reflexões críticas apresentadas evidenciam que ser negro no contexto brasileiro, quase sempre remete às condições de inferiorizações sociais, marcadas por atos de preconceito e de racismo, muitas vezes, expressos por atos de violências verbais e físicas, revelando o lado mais degradante e revoltante das relações sociais, herdado do período escravagista.

**Palavras-chave:**

Negritude. Poesia. Lubi Prates.

## ABSTRACT

This article aims a discussion about the possible senses of being a black person in Brazil through the interpretative reading of the poem “você nunca esteve diante do horror” by Lubi Prates (2019). The poetic voice of this poem presents some implications related to situations of being a black person in Brazilian society. For that reason, the objective of this work is to discuss those situations starting with the senses got from the reading of the poem and under the tendency of a socio-critical perspective. Methodologically, this a qualitative and interpretative analysis work. We used Almeida (2020), Ribeiro (2017; 2019), Goldstein (1988), Domingues (2018) as a theoretical base. We point out that the critical reflections presented to put in evidence that to be a black person in the Brazilian context is almost related to inferior social conditions that are marked by some actions of prejudice and racism. Sometimes, they are expressed with verbal and physical acts of violence that reveal the most depreciated and degrading side of the social relationships that are inherited from the slavery period.

**Keywords:**

Blackness. Poetry. Lubi Prates.

## 1. *Introdução*

Em seu livro “um corpo negro” (Nosotros Editorial/SP, 2017), a poeta paulista Lubi Prates apresenta múltiplas vozes enunciadas pelo corpo negro. Um corpo negro que é feminino e que carrega marcas de um passado e de um presente histórico, constituídos de constantes lutas sociais na tentativa de ressignificar não só o futuro, mas também a realidade dos dias atuais. Este livro de Prates reúne vinte e um poemas e apresenta prefácio da poeta e professora em teoria literária Lívia Natália (da Universidade Federal da Bahia – UFBA). Além disso, a obra “um corpo negro”, recebeu uma versão bilíngue (espanhol/inglês), organizada pela união de três editoras Escarabajo Editorial (colômbia), Absinia Editorial (argentina) e Nueva York Poetry Press (EUA), lançada em outubro de 2020.

Em “um corpo negro”, os poemas de Prates parecem “nascer” das inquietações advindas das condições de vida da mulher negra em diferentes contextos e relações sociais. Diante destas condições, a poeta paulista também abre espaço para se pensar o lugar social que a mulher negra ocupa. Ademais, Prates toma a palavra como uma potente ferramenta de lutas e de reivindicações. Por isso, os discursos, os enunciados poéticos são espaços significativos dentro da sociedade, uma vez que eles conseguem fazer submergir as vozes urgentes que revelam a necessidade dos corpos negros de mulheres de assumirem e ocuparem diferentes posições sociais, visto que no Brasil ainda predomina uma forte tendência de se relegar às pessoas negras uma subalternidade, e, sobretudo às mulheres negras.

À vista disto, nesta leitura crítico-interpretativista discutimos possíveis sentidos de ser negro no Brasil, por meio do poema “você nunca esteve diante do horror”, de Prates. No poema ora em discussão, a voz poética dirige-se a um interlocutor que parece estar em posição social de privilégio, visto que os versos expressos pela voz poética remetem ao lugar social do negro no contexto brasileiro, em que emergem situações de falta de oportunidades em diferentes áreas, expressas em atos de preconceito, de racismo, devido à cor da pele.

## 2. *“Você nunca esteve diante do horror”: leituras possíveis*

O livro “um corpo negro”, de Prates apresenta ao leitor diversas camadas de vozes, as quais disparam muito da complexidade sociocultu-

ral que permeia a realidade dos negros no Brasil. O referido livro aponta como existem diferentes manifestações de preconceito e de racismo, neste país em que relegam, muitas vezes, à mulher e ao homem negro a falta de oportunidades em diferentes contextos da sociedade. Sem dizer que negras e negros ficam demasiadamente invisibilizados socialmente, e este mal-estar que a própria sociedade imprime (por meio de pensamento ainda colonizado) faz com que os próprios negros não reconheçam e/ou ocupem seu lugar de fala, que como defende Djamila Ribeiro (2017, p. 64) “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. E somente o reconhecimento deste direito ao lugar de fala, compreendido como o lugar social ocupado pelas mulheres negras, pode emergir empoderamentos de várias ordens sociais com dignidade de saber/poder voltados à uma ação profunda de uma ruptura com as hierarquias sociais, que se apresenta por meio de matrizes de dominação branca, de discurso únicos e autorizados.

Hoje, mais do que nunca urge lutarmos (negros e brancos juntos) contra práticas sociais racistas; predominando assim, no Brasil, ações antirracistas, uma vez que, o racismo é um fenômeno estrutural. Há um racismo estrutural imperante na sociedade, como alerta Sílvia Almeida (2019, p. 52): “(...) o racismo é parte da estrutura social”. Por isso, a luta é de toda a sociedade, para que alcancemos outros modos de relações sociais: “sejamos [todas] todos antirracistas” (RIBEIRO, 2019, p. 107). Contudo, esta luta é contínua, pois “Essa responsabilidade é também das pessoas brancas — e deve ser contínua” (RIBEIRO, 2019, p. 40).

A exemplo da posição social do negro no Brasil, o poema “você nunca esteve diante do horror” (PRATES, 2019, p. 77-8), faz referências a diversas situações desfavoráveis a que a população afrodescendente (ou afrobrasileira) é submetida frequentemente, revelando a permanência de um triste histórico de injustiças e de falta de oportunidades. A seguir apresentamos o poema supracitado, para dele tecermos algumas considerações de leitura. Vejamos o poema em questão:

você traz os olhos arregalados  
e você nunca esteve diante  
do horror,

você nunca viu uma cidade bombardeada  
uma cidade destruída  
uma cidade esvaziada pela guerra.

você nunca esteve diante  
do horror,

você nunca chegou em outro continente  
sem saber dizer palavra  
só com seu nome e a angústia na boca,  
você nunca foi deportado para um país que não existia mais.

você traz os olhos arregalados  
e você nunca esteve diante  
do horror,

você nunca sentiu uma arma  
apontada para sua cabeça  
enquanto repetia: é um engano  
você não é negro, você sempre  
esteve em segurança,

você nunca sentiu a fome  
te impedir de lamentar levantar  
aguentar  
você nunca perdeu o telhado  
para a tempestade.

você nunca esteve diante  
do horror,

você pode fechar seus olhos.

(PRATES, 2019, p. 77-8)

Conforme podemos constatar, o poema de Prates, apresenta vinte versos estruturados em nove estrofes, sendo o poema composto por versos livres, isto é, versos que: “(...) não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, à presença ou distribuição de rimas” (GOLDSTEIN, 1988, p. 19). Os versos livres que compõem o poema “você nunca esteve diante do horror”, estão em consonância com a estética adotada pelos poetas modernistas no início da década de 1920, que teve como marco cultural a Semana de Arte Moderna de 1922. É importante destacar que os versos livres parecem predominar na produção poética contemporânea da poesia brasileira.

Também o uso das letras minúsculas em todo o livro (nos títulos dos poemas, nos versos iniciais dos poemas e no próprio título do livro), revela outro aspecto formal da produção poética de Prates, e isso evidencia o desprendimento em relação à norma culta gramatical. Assim, este recurso estilístico (ou esta preferência estilística) utilizado pela poeta paulista confere à sua poesia uma informalidade, principalmente a partir dos seus movimentos de ruptura com a norma culta, marcando, então, a sua posição de comunicação poética.

Além disso, o ritmo dos seus poemas e as suas reiteraões marcam e expressam também um dizer de oralidade, de modo especial, quando Prates engendra um chamamento de interlocução. Por isso, temos a impressão de que a voz poética dispõe-se em uma “conversa” mais cara a cara com o interlocutor. Assim, toda ambientação poética é de interação dialógica. Deste modo, quando lemos/ouvimos o poema, observamos que há nove versos marcados pelo pronome de tratamento “você”, e acreditamos que a reiteração deste pronome de tratamento ganha fortemente em estrutura comunicativa, dialógica.

Neste sentido, ao pensarmos o “uso” do pronome “você” no poema, podemos ainda propor que esse possa “representar” (ou enunciar) uma maneira de a voz poética tecer um diálogo com a/o leitora/r, a/o situando em uma posição social oposto à qual parece pertencer a/o interlocutora/r. Se assim for, podemos apontar que à medida que o poema se desenvolve, o interlocutor parece ser alguém (ou fazer parte) de um contexto social mais confortável e privilegiado do que o daquela voz que enuncia o poema. Assim, há um jogo de contrários dos pertencimentos, de ocupações no discurso poético articulado comunicativamente.

Ainda o título “você nunca esteve diante do horror”, tomado a partir do advérbio de negação “nunca”, remete a uma “não vivência” ao estado de horror expresso pela voz poética, e, de modo comparativo à fala com o interlocutário, o destinatário da mensagem (o “você”). Desta perspectiva, a “não vivência” implica os diferentes contextos sociais vivenciados/experenciados pelo sujeito poético. Assim, observamos que o poema joga com a palavra “nunca” (de valor afirmativo-negativo) nos versos: “você nunca esteve/ você nunca viu/ você nunca chegou/ você nunca foi/ você nunca sentiu/ você nunca perdeu/ você não é negro”, tornando-a particularmente uma “chave” de entrada para ressaltar os contrários sociais.

Então, àquilo que é enunciado no poema, de Prates maneja comunicativamente um contexto de confirmação, de familiaridade e de vivência, desta voz poética enunciativa de circunstâncias marcadas pelo horror, pelo medo, pelo sofrimento, pela angústia, pela desesperança etc. Neste sentido, apontamos que o percurso do poema, em sua *performance* circular, se configura pelas instâncias de enunciação, nas pessoas eu/você.

Sendo assim, a voz poética localiza-se em um lugar de fala (Ribeiro, 2017, p. 64), que certamente é o lugar do negro, que dentro da

sociedade brasileira quase sempre é alvo dos atos discriminatórios, preconceituosos e racistas, sendo relegado às posições sociais de inferioridade quanto às ocupações profissionais, oportunidades de acesso e de permanência nos sistemas educacionais, e ainda ocupando moradias em locais insalubres e indignos. São várias as situações de vulnerabilidade social que os negros enfrentam neste país.

Consoante também às posições de inferioridades a que as pessoas negras são submetidas, Petrônio Domingues (2016), ressalta que:

Um dos grandes desafios para a consolidação da democracia racial no maior país da América do Sul são as desigualdades étnico-raciais. Todos os indicadores de renda, ocupação, escolaridade, acesso à saúde, condições de moradia, representação na mídia e desenvolvimento humano apontam que os “pretos” e “pardos” – consoante classificação oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) – levam desvantagens quando contrastados com os “brancos” e “asiáticos”. (DOMINGUES, 2016, p. 466)

Como bem salienta o autor, a superação destas situações trazidos por Domingues constituem-se em grandes desafios, quiçá, só superáveis a partir da implementação de agendas antirracistas e da concretização de políticas públicas de ações afirmativas voltadas à valorização das contribuições socioculturais da população negra para a formação da sociedade brasileira. E acreditamos que essa valorização parte, principalmente, da educação de crianças, de adolescentes e de jovens, para que se tornem cidadãos desprovidos de atitudes preconceituosas e racistas, reconhecendo fortemente toda a singularidade da população negra, estabelecendo relações de empatia e de poder democrático ao povo negro.

Ainda verificamos que a repetição do verso: “você nunca esteve diante do horror”, que se apresenta na terceira e na oitava estrofes, funciona no poema como um refrão. Por isso, esta reiteração destaca uma ideia-chave no texto: que o horror não é “sentido” “vivido” da mesma forma por todas/todos, e, ao mesmo tempo, o referido verso imprime as divergências de posições sociais assumidas pela voz poética em seu ato comunicativo. E porque não dizer também que o poema “você nunca esteve diante do horror”, que revela a situação do negro na sociedade brasileira, expressa também um lamento que é da população negra; reiteradamente vista, (mal)tratada e violentada (em seus direitos) devido à cor da de sua pele.

Quanto aos sentidos apreendidos no poema destacamos que há marcas do lugar social do interlocutor, que é construído por seu lugar de

privilégios, sobretudo, porque “(ele) você não é negro, você sempre esteve em segurança,”. Neste sentido, Ribeiro (2019, p. 94), ressalta que “Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens”; dado esse que acentua o medo do jovem negro em circular livremente na sociedade e realça a necessidade de se pensar políticas públicas de valorização e proteção da vida da população negra, pois “É preciso pensar ações políticas e teorias que deem conta de pensar que não pode haver prioridades, já que essas dimensões não podem ser pensadas de forma separada (RIBEIRO, 2017, p. 71).

Ao pensarmos/sentirmos estes dados apresentados por Ribeiro (2017), compreendemos a dimensão da obra de Prates, porque um “um corpo negro”, não existe para o genocídio, um corpo negro não existe, como nos afirma a prefaciadora do livro de Prates, Lívia Natália, “para cotidianização do sofrimento (...) do apagamento imposto (...)”, mas existe como lugar de fala, de aquilobamento e de travessias de subjetividades humanas cartografadas por ordens de força e poder.

Voltando à segunda estrofe do poema de Patres, esta voz poética afirma que: “você nunca viu uma cidade bombardeada/ uma cidade destruída/ uma cidade esvaziada pela guerra.” (PRATES, 2019), especificando, assim, o horror explícito pelas imagens de destruição da cidade pela guerra. Essa destruição representa o cerceamento do direito à moradia, que é algo essencial à dignidade humana. Lembremos ainda que historicamente no Brasil, a população negra ocupa as favelas e outras comunidades periféricas, como habitação, e, muitas vezes, o poder público, representado pela força policial, efetiva ações de despejos relegando ainda mais esta população à condição de sem-teto. Além disso, no meio rural, as ações de despejos contra famílias de agricultores assentados, também é algo muito constante e terrível.

A diáspora forçada que os negros sofreram ao serem trazidos da África para o Brasil e outros países, onde foram submetidos à escravidão, é localizada no poema, mais precisamente, na quarta estrofe: “você nunca chegou em outro continente/ sem saber dizer palavra/ só com seu nome e a angústia na boca,/ você nunca foi deportado para um país [que não existia mais.” (PRATES, 2019, p. 77). A escravidão dos negros foi uma das maiores atrocidades praticadas pelo homem contra o homem, e relegou à população negra um triste histórico de preconceito, de discriminação e de racismo, além da tentativa de apagamento de sua cultura e

de sua religião. Embora a inclusão do negro no Brasil, como força de trabalho, seja também elemento essencial à formação social de nosso país, constantemente, a população negra é tratada como se fosse estrangeira e/ou invasora dentro do próprio país o qual a vida e a força de seus ancestrais contribuíram para a formação cultural.

Ademais, a violência física é o ápice das manifestações de preconceito, de discriminação e de racismo contra as pessoas pretas e/ou pardas, como Prates (2019, p. 77), fala nos versos: “você nunca sentiu uma arma/ apontada para sua cabeça/ enquanto repetia: é um engano/ você não é negro, você sempre/ esteve em segurança.”. Vemos, estarecidos, notícias constantes em que pessoas negras são vítimas de ações policiais, sem nenhuma justificativa plausível, como o caso do músico Evaldo dos Santos Rosa, morto em abril de 2019, quando seu carro foi alvejado por mais de 80 tiros de fuzil, em uma ação militar realizada pelo exército no Rio de Janeiro (mas, infelizmente no nosso país são incontáveis os eventos desta natureza de barbárie). Diante de ocorrências trágicas como esta, Ribeiro (2019) adverte que

Numa sociedade violenta como a nossa, é natural sentirmos medo. Em especial dessa violência generalizada que o próprio Estado promove – por isso devemos denunciar a violência policial. (RIBEIRO, 2019, p. 103)

De fato, a população negra precisa se mobilizar, no sentido de dar publicidade aos inúmeros atos violentos contra a população preta, sobretudo, como forma/tentativa de combater a permanência da violência sistematizada a partir do racismo estrutural.

Ainda sobre o que concerne à violência contra a população negra, o Atlas da Violência 2020<sup>1</sup>, publicado em 27 de agosto deste ano, mostra que o índice de homicídios de pessoas negras aumentou 11,5% entre 2008 e 2018, enquanto os índices entre a população não negra caiu 12,9% no mesmo período. Num recorte de gênero, houve o aumento de 12,9% de mortes de mulheres negras, enquanto diminuiu 11,7% de homicídios da população feminina não negra. Assim, vemos, frequentemente, nos noticiários, casos de violência policial contra negros, sendo os casos de homicídios de mulheres e homens negros muito maior, do que dos não-negros, e não podemos naturalizar estes dados.

---

<sup>1</sup> O Atlas da Violência é um indicador social formulado a partir de informações provenientes do Ministério da Saúde e das polícias brasileiras, e que dispõe de uma base de dados relativos às diversas formas de violências.

Consoante ao exposto no Atlas da Violência 2020, a mulher negra constantemente é vítima de atos discriminatórios e de racistas, revelando uma vulnerabilidade social e de gênero às quais estão expostas, sobretudo, porque vivemos em uma sociedade machista, patriarcal, e também racista. Por isso, se faz necessário a promoção de políticas públicas que propiciem a consciência e a politização destas mulheres, para que possam conquistar e atuar criticamente em seus lugares de fala, como defende Ribeiro (2017, p. 64): “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. Por isso, este lugar de fala como *locus* social imprime à mulher ocupar multiespaços de saber/poder para que não haja imposições sociais dificultadoras de transcendência.

Os modos de organizações sociais que orientam e condicionam as relações na sociedade brasileira são fatores que desfavorecem a equidade, a igualdade à população negra em diferentes setores organizacionais, contribuindo para a permanência de situações de vulnerabilidades, como lembra Prates (2019, p. 78) nos versos: “você nunca sentiu a fome/ te impedir de lamentar levantar/ aguentar/ você nunca perdeu o telhado/ para a tempestade”. As políticas públicas promovidas no Brasil anos atrás, tais como: Programa Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Programa Primeiro Emprego, minimizaram consideravelmente as condições de pobreza e de miséria de grande parte da população. Infelizmente, retrocedemos a um quadro social em que muitas famílias, sobretudo de origem negra, vivem em insegurança alimentar como demonstram os indicadores da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio – PNAD<sup>2</sup> e sem moradia digna. Isto em virtude à ausência de políticas públicas efetivas voltadas à geração de emprego e de renda. Então, a “tempestade” (PRATES, 2019, p. 78), da qual o eu poético traz como imagem de medo, de instabilidade, faz referência a todo um contexto de descaso e de adversidades às quais, principalmente, a população negra é submetida.

Conforme já mencionamos, no poema em análise, a voz poética dirige-se a um interlocutor que ocupa um lugar social de privilégios e o coloca em situação absolutamente mais favorável do que aos espaços

---

<sup>2</sup> De acordo com o PNAID Contínua 2019, há a permanência das grandes discrepâncias entre o rendimento médio mensal real de todos os trabalhos das pessoas brancas (R\$2.999), pardas (R\$1.719) e pretas (R\$ 1.673). Também perduram as diferenças de gênero: o rendimento de todos os trabalhos dos homens (R\$ 2.555) é 28,7% mais alto que o das mulheres (R\$ 1.985).

ocupados pela grande maioria da população negra, no Brasil. Por isso, Prates ergue no poema “você nunca esteve diante do horror”, uma voz coletiva dos corpos negros, para investir numa denúncia poética potente e urgente, uma vez que em diferentes partes do nosso país, as multivozes negras precisam ser ouvidas (mas do que isso não podem ser mais silenciadas), como forma de romper todas as situações de horror a que são submetidos repetidas vezes, tendo seus direitos de cidadania negados constantemente, negras e negros, como enfatiza Ribeiro (2017, p. 78), “o não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados”. Por isso, precisamos nos abrir a uma consciência contrapoderes dominantes e de direitos às existências dignas para a população negra, e que combatam realidades violentas e usurpações às liberdades de mulheres negras.

No último verso do poema, a voz poética assevera: “você pode fechar seus olhos.”, observamos que o verbo “pode” no imperativo abre espaço para muitos sentidos de interpretação final do poema, a exemplo daquilo que poderia implicar a ausência de empatia frente ao racismo, à violência e à desigualdade étnico-racial. Porém, mesmo se o sujeito-interlocutor mantiver seus “olhos arregalados”, ele não conseguirá nunca dimensionar o horror vivido pelas pessoas negras. Por isso, o poema encerra com uma forma imperativa expressa pelo verso “você pode fechar seus olhos.” (a autora até faz uso do ponto final na frase), porque só manter os olhos abertos e arregalados não é suficiente para demonstração de empatia.

Há que se adotar também posturas antirracistas, de maneira não escamoteadas, em que os brancos reconheçam, principalmente, os privilégios da branquitude, ou que haja um processo profundo de desnaturalização das ausências de pessoas negras em espaços de poder, admitindo que há racismos internalizados na estrutura social do Brasil, que adotar uma postura antirracista é adotar uma posição do incômodo, é preciso pesquisar, ler e estudar a produção intelectual de pessoas negras (para romper com o fenômeno do epistemicídio, e assim, afirmar a condição dos negros, como sujeitos de conhecimento), desacreditar no mito da democracia racial, não ter medo dos sentidos e das implicações das palavras racismo, branco, negro, racista, reconhecer e combater as opressões e os sistemas opressivos, enxergar a negritude, percebermos os “racismos” internalizados em nós, apoiar as políticas educacionais afirmativas, combater a violência racial, apoiar uma educação que referencie positiviti-

vamente a população negra e a promoção da diversidade, conhecer as pautas raciais, compreender as várias formas de racismo e de discriminação nos ambientes de trabalho, compreender o que é representatividade e proporcionalidade, lutar contra o embranquecimento cultural, combater o genocídio e/ou a aniquilação do povo negro, seja moral, cultural e/ou epistemológica, dar visibilidade a pensamentos descoloniais e decolonias, e confrontar o ponto de vista de uma história única (RIBEIRO, 2019).

### 3. *Considerações finais*

Os poemas do livro “Um corpo negro”, de Prates são de extrema relevância para a literatura brasileira contemporânea, mas também para produção intelectual das mulheres negras, porque revela o quanto é ético e político também. Além disso, como afirma Ribeiro (2019, p. 39) “(...) o combate ao racismo é um processo longo e doloroso”. Por isso, Prates circunstancia por meio de seus poemas as dores, as tristezas, as mazelas que a população negra vive em condição de racismo, de opressão e de violência, no Brasil. A cor da pele, no contexto do poema e infelizmente, também do Brasil, faz toda a diferença quanto às vivências de situações de horror, as quais os corpos negros estão constantemente sujeitos independente do lugar social que ocupam.

Ademais, a poeta paulista fala destas vivências que são marcadas no corpo, “um corpo negro”, sendo evidente os modos como o corpo é posto como elemento de luta e de expressão, pois “meu corpo é meu lugar de fala” (PRATES, 2019, p. 63). Por isso, todas as situações a que o corpo negro é exposto e/ou submetido, são desencadeadas pela sua condição de ser negro, visto que ainda vivemos em uma sociedade altamente racista, na qual muitas pessoas veem na cor da pele motivos para (mal)tratar mulheres e homens negros e/ou violentar os seus direitos humanos. Por isso, como muito bem defende Ribeiro (2019, p. 107) tomemos todas e todos sempre “(...) atitudes antirracistas, sobretudo para quem busca uma postura ética em sua existência”. Por fim, sempre nos questionarmos: O que estamos fazendo para a luta antirracista? No processo de construção da empatia, que é um processo intelectual, político e ético, a escuta é um passo fundamental. Assim, que possamos ouvir sempre a condição do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaia, 2020.

ATLAS da Violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em 08 de out. de 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Negro no Brasil: histórias das lutas antirracistas. In: PEDROSA, Adriana; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. *Histórias afro-atlânticas*: antologia. São Paulo: MASP, 2018. (vol. 2)

GOLDSTEIN, Norma. *Análise do poema*. São Paulo: Ática, 1988.

PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos. disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>. Acesso em 23 de nov. de 2020.

PRATES, Lubi. *Um corpo negro*. 2. ed. São Paulo: Nosotros, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte-MG: Letramento Justificando, 2017.

\_\_\_\_\_. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

80 TIROS: 'Querem transformar a vítima em agressor', diz promotoria. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/80-tiros-querem-transformar-a-vitima-em-agressor-diz-promotoria/>. Acesso em 13 de nov. de 2020.